
Sonhar como resistência no fim do mundo¹
Amanda Iegli Tech²
ESPM - Escola Superior de Propaganda e Marketing

Resumo

Este artigo discute a crise climática como ponto central para avançar uma análise crítica das narrativas de fim do mundo e do otimismo tecnológico, identificando-as como componentes de um projeto colonial que se transformou ao longo das últimas duas décadas. A naturalização desse contexto de deterioração resulta na paralisia, ansiedade e desespero da maioria global, obstruindo a capacidade de imaginar futuros alternativos. Utilizando a base teórica fornecida por Mark Fisher, Deivison Faustino e Jacques Rancière, propomos reflexões sobre a possibilidade de outras narrativas de futuro. Além disso, evidenciamos como os saberes indígenas brasileiros podem indicar caminhos para "adiar o fim do mundo", consoante Krenak, oferecendo alternativas viáveis para uma nova forma de resistência.

Palavras-chave

Antropoceno; Futuros decoloniais; Tecnologia.

Introdução

Vivemos em um *planeta alienígena*. Foi assim que definiu Araújo (2024) em seu texto sobre Antropoceno e Ficção no qual ele demonstra, através da literatura, a mudança que ocorre desde o século XX, sobretudo, em que elementos que definem o gênero de ficção científica transformam-se em características do nosso presente. Em um processo difícil de rastrear, é certo que na contemporaneidade acostumamo-nos com uma narrativa de fim de mundo.

À luz de 2030, naturalizamos um mundo com uma crise multifacetada, ignorando, inclusive, todas as expectativas em relação a essa década. A Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) é um plano de ação global adotado em 2015, cujo objetivo é promover o desenvolvimento sustentável em escala mundial. Estruturada em torno de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a agenda busca

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, no 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo - ESPM, e-mail: aieglitech@gmail.com

erradicar a pobreza, proteger o planeta e assegurar a prosperidade para todos, promovendo a paz e a justiça (ONU, 2015).

Não é preciso esforço para identificar que isso está longe do nosso horizonte. Em escala global, enfrentamos diferentes desafios. O aumento das guerras, da fome, a crise climática mostrando sua força em diferentes países, incluindo os do Norte Global. Relatórios recentes da ONU (UNITED NATIONS, 2023) e de organizações parceiras apontam para o pouco avanço ou nenhum avanço significativo em ODS específicos, como o de equidade de gênero que, apesar de alguns avanços em países mais pobres, de forma geral está longe da meta (SACHS et al. 2023).

Já em um contexto individual, podemos verificar uma intensificação de problemas de saúde mental. Mesmo excluindo o impacto direto da pandemia de COVID-19, estudos indicam que a prevalência da depressão está aumentando em várias faixas etárias e regiões. Segundo um estudo publicado na *Psychology Today*, as taxas de depressão e ansiedade nunca diminuíram desde que a medição precisa começou em 1990, mantendo-se constantes ou aumentando anualmente (SMITH, 2023).

Nas mídias, dia após dia, acompanhamos algum novo estudo que pode ser a resposta para tais números. As hipóteses são muitas: o isolamento, o aumento da pobreza e precarização do trabalho, o uso excessivo de tecnologias - e, conseqüentemente, a exposição constante à notícias ruins, mas que geram mais engajamento (BERGER & MILKMAN, 2012), ao mesmo tempo em que as plataformas são cada vez mais pensadas para manter os usuários conectados, com feeds infinitos e algoritmos adaptados (FISHER, 2023). Ninguém tem a resposta e parece que, de forma geral, essa crise já se tornou apenas uma editoria do noticiário.

Este contexto de caos global tem servido de base para muitos fenômenos, mas o que nos interessa aqui são dois: uma certa alienação do sujeito (PENTEADO et al. 2020) e o chamado *doomerism*³. Os doomers, como são chamados esses sujeitos, acreditam que não há escapatória, que a humanidade destruiu tudo e que não há motivos para acreditar que as coisas vão melhorar.

Na contramão de um discurso de que estamos *condenados* sem a possibilidade de romper com isso, a temática de tecnologias tem gerado muito engajamento e

³ *Doom* é uma expressão em inglês que pode ser traduzida como condenação, no sentido de que estamos, sociedade, condenados a um futuro incerto e catastrófico.

otimismo por parte da mídia, empresas e organizações, no sentido de o avanço das Inteligências Artificiais, por exemplo, indicarem uma possibilidade de futuro que pode nos salvar de nós mesmos - dentro deste contexto de mundo ocidental regido pelo capitalismo neoliberal. Muitas vezes, faz parecer que a tecnologia seria nossa única saída.

Poderíamos discutir aqui quão conveniente para o neoliberalismo é a ideia de que uma possível mudança só é possível através deste modelo capitalista em que vivemos, como se não fosse ele o causador de muitas das nossas crises. Mas no realismo capitalista, discutido por Mark Fisher (2020), sabemos que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. O neoliberalismo é também, algo que destrói a possibilidade de sonhar.

No caso dos indivíduos, estes nunca estiveram tão conectados como atualmente, ao mesmo tempo que politicamente estão cada vez mais desorganizados, como também aponta Fisher (FISHER, 2020, p.143). On-line e juntos, mas cada um no seu mundo particular com algoritmos customizados e injeções de dopamina. Neste contexto, as redes sociais têm um papel importante na contemporaneidade no sentido de, cada vez mais, mediar nossas relações. Não podemos esquecer, porém, que essas redes são empresas e, como tal, visam o lucro e a dependência dos *usuários*, termo que inclusive utilizamos para aqueles que consomem drogas.

Para além de um discurso esvaziado de que a tecnologia (dentro deste modelo capitalista) é nossa única possibilidade de mudança, também é deixado de lado as complexidades das tecnologias de forma objetiva. Quando se fala de softwares, nuvens, redes sociais, estamos falando sobre o espaço físico que isso necessita, bem como a energia para manter a máquina girando.

Além disso, como aponta Deivison Faustino (2013), para que hajam softwares, é preciso hardwares, e essa parte concreta requer uma série de coisas que vão na contramão do que poderíamos considerar como avanços: a mineração, que acontece sobretudo em países do Sul Global, a partir de muita exploração humana, a energia utilizada para o funcionamento destes equipamentos com um imenso volume de informação, que resulta em mais emissão de carbono e que compromete o meio ambiente, etc. Tais atitudes constituem o que Faustino chama de colonialismo digital, conceito importante que dá base a nossa discussão mais adiante.

O contexto é paradoxal. Ao mesmo tempo em que os sujeitos estão inseridos em um contexto de crise climática, eles passam a imaginar que a tecnologia, desenvolvida nos moldes do capitalismo neoliberal e que contribui para a devastação, pode resolver o problema. É a partir dessa contradição que propomos enxergar as narrativas de fim de mundo como parte de um projeto colonial que tem se transformado e adaptado no século XXI. Através de uma naturalização deste contexto em corrosão, a população da maioria global acaba por ficar paralisada, ansiosa e sem capacidade de sonhar com outras possibilidades.

Para isso, utilizamos, principalmente, os escritos de Mark Fischer, Deivison Faustino, Ailton Krenak e Jacques Rancière, que nos fornecem uma base possível para pensar em outros futuros. Ao final, apontamos para diferentes saberes indígenas que podem servir para desenhar um novo caminho, ou caminhos, para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019).

Discussão teórica

Diferentes espaços midiáticos têm apresentado notícias com teor mais negativo e pessimista. E o que chama atenção é que tendemos a reagir mais às notícias ruins (CORRÊA, 2019). Quanto mais engajamento, mais os websites e páginas tendem a alimentar este tipo de editoria. E, assim, este ciclo não para. Pesquisas têm apontado para a paralisia que tantas notícias tem causado nas pessoas (SOARES et al. 2023). Como tudo que acontece em 2024, já foi dado o nome de *ansiedade climática*.

O discurso de ansiedade climática, assim como a crise climática de forma geral, é resultado de uma série de definições, estudos, publicações e discussões midiáticas. Portanto, partindo de um pressuposto de imparcialidade de muitos destes espaços, sobretudo o acadêmico e o jornalístico, naturaliza-se o caos como algo inevitável, considerando que nosso conhecimento disso se dá através de fontes confiáveis e que, supostamente, transmitem a *verdade*.

Para pensar o contexto de ansiedade climática, podemos nos ancorar nos estudos de Loose que não só afirma sobre a importância de se pensar as narrativas de mudanças climáticas no jornalismo brasileiro pois, atualmente, a discussão segue escassa, como também traz novos insights. Segundo a autora, a imprensa tradicional no país

"representam a questão [climática] majoritariamente com enquadramentos e perspectivas dos países ditos desenvolvidos, voltada muito mais para os riscos do que para seu enfrentamento" (LOOSE, 2024, p.23). Na esteira do que a autora escreve, vale destacar que países reconhecidos como "desenvolvidos" do Norte Global tem, majoritariamente, um histórico colonial.

O que defendemos aqui é que esse tipo de discurso não é apenas uma consequência de um neoliberalismo que tende a individualizar os sujeitos e colocar nas pessoas problemas que são, na verdade, estruturais. Mais do que isso, são discursos que servem para manter as coisas como sempre estiveram, dentro de uma lógica de extração e colonização de territórios, matérias-primas e sujeitos.

Mikhail Bakhtin (2006) pode nos auxiliar a compreender este fenômeno a partir de seus escritos sobre ideologia e signos. O autor nos possibilita pensar como o que produzimos como signos sempre terá uma ideologia e esta ideologia deve ser compreendida dentro de um contexto social.

Bakhtin (idem) nos ensina que o que é ideológico, tem um significado. Na definição do autor, o que é ideológico vai apontar para algo para além de si mesmo. Nas palavras dele, "[...] tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia" (p.29). Como exemplo ilustrativo, ele cita a foice e o martelo, que para além dos instrumentos que são, tem um sentido de signo ideológico, que neste caso é o emblema da União Soviética.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo (BAKHTIN, 2006, p.31).

Bakhtin vai dizer que "O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior" (p.31). E chama atenção para a importância disso. Em uma esfera individual, ele escreve que mesmo essa consciência é um fato sócio-ideológico (p.33). Ou seja, o entorno vai apontar, inclusive, a maneira como apreendemos o mundo. Em suas palavras:

[...] a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social" (BAKHTIN, 2006, p.32).

O que propomos aqui é pensar especificamente nas materialidades criadas pelas mídias, sobretudo o jornalismo, e como elas são signos cujo ideologia é capitalista:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontram-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.) (BAKHTIN, 2006. p.30).

Ainda sobre *signos*, o autor explica porque estes não podem ser compreendidos como algo natural. Ele exemplifica que não seria possível que signos se constituíssem colocando, por exemplo, dois *homo sapiens* juntos, pois é "fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se" (BAKHTIN, 2006, p.33).

Nosso argumento aqui ao utilizar Bakhtin é apontar que parte da ideologia neoliberal que identificamos nestes signos está, justamente, em colocar no sujeito o motivo da paralisia frente ao medo e ansiedade climáticos. E de acordo com Bakhtin, não seria possível o contrário: que a consciência do indivíduo se constituísse à parte do social. Tal crença, contribui para compreender a crise climática como algo natural e a paralisia como um fracasso dos indivíduos frente a este desafio ambiental.

Bakhtin também aprofunda o entendimento de fenômenos ideológicos ao defini-los como "a realidade objetiva dos signos sociais" (p.34). Importante ressaltar que tal realidade, definida por ele como uma *superestrutura*, se relaciona diretamente com, e acima do, conjunto de leis sociais e econômicas. Segundo ele, não são os indivíduos que definem esses fenômenos: "A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas um inquilino do edifício social dos signos

ideológicos" (idem). No fim das contas, estes fenômenos são determinados pela comunicação social, através da linguagem.

A ideia de que a palavra é um tipo de unidade de um fenômeno ideológico ("A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo") [BAKHTIN, 2006, p.34].

Colonialismo(s) e suas novas roupagens

Em *O Sul Global e os desafios pós-coloniais na era digital*, João F. Cassino traça um panorama sobre as novas configurações do colonialismo na contemporaneidade dando foco à tecnologia. Ele demonstra através dos estudos de Couldry e Mejias como, com os avanços tecnológicos, chegamos em um momento em que até mesmo as relações sociais têm a possibilidade de serem extraídas, seguindo uma lógica colonial (DA SILVEIRA, 2022).

A premissa de extração das relações sociais se faz importante nesta pesquisa pois nossa hipótese é sobre como, em última instância, o que há é uma extração dos sonhos dos sujeitos, em que eles param de imaginar novos cenários e possibilidades. Seguindo o que Frantz Fanon (2008) escreve em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, aponta para os efeitos psicológicos de séculos de subjugação colonial e seus impactos para negros. Aqui, pegamos emprestado o pensamento de Fanon para pensar também o contexto pós-colonial dos países do Sul Global.

Partimos do pressuposto de Ailton Krenak de que a ideia de fim do mundo é coisa de branco. Conforme o autor, isso estaria longe da compreensão dele, que diz que o mundo dos indígenas acabou com a chegada dos portugueses. Krenak, em entrevista, chegou a dizer: "Fico preocupado é se os brancos vão resistir. Nós, indígenas, estamos resistindo há quinhentos anos"⁴.

O que defendemos neste artigo é como a ideia de fim do mundo é um fenômeno ideológico capitalista. Entretanto, o capitalismo continua operando sobre uma perspectiva colonial do mundo. Um mundo dividido entre Norte e Sul Global, ocidente e oriente. E é neste contexto que faz sentido pensar em um tipo de interesse nessa

⁴ Somos índios, resistimos há 500 anos. Fico preocupado é se os brancos vão resistir". 19 out. 2018. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos.-Fico-preocupado-e-se-os-brancos-vao-resistir>.

paralisa da maioria global frente às crises, sendo a climática nosso enfoque aqui: quem mais sofre com as mudanças climáticas são populações vulneráveis, pobres e racializadas; o chamado *Racismo Ambiental*. Manter essas pessoas paralisadas e desorganizadas facilita uma exploração que se reconfigura mas continua depois de tantos séculos.

Existe uma relação entre o discurso de fim de mundo e a empolgação com o avanço tecnológico: populações produzem um discurso de otimismo em relação as diferentes Inteligências Artificiais e outras tecnologias que têm sido criadas no Vale do Silício enquanto têm seus países explorados através da mineração, da colonização de dados e outras implicações resultantes de uma necessidade cada vez maior por matéria prima para a criação e manutenção desses *hardwares*.

O Brasil é o segundo país em tempo gasto em frente às telas: uma média de 9 horas e 32 minutos por dia⁵, ficando atrás apenas da África do Sul. Pode-se dizer que quando não estão trabalhando ou dormindo, brasileiros estão consumindo o que os algoritmos dessas redes sociais proporcionam⁶. E então, como citamos acima, a população vai se desorganizando, desestimulando e consumindo o que vier, pelo pouco de dopamina que lhe confere. Nosso argumento é que podemos ver o mundo através de outro paradigma. Mas voltemos à discussão de colonização.

A ideia de raça está em constante mudança, mas pode-se dizer que uma unidade de sentido começa a se formar a partir do século XVI. Silvio Almeida detalha:

Se antes desse período ser *humano* relacionava-se ao pertencimento a uma comunidade política ou religiosa, o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no *homem universal* (...) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas (ALMEIDA, 2019. p.24).

É importante compreender que a raça se estabelece a partir da simples ideia de não-europeu. O processo de colonização se dá, também, neste sentido de homogeneização de diferentes povos e culturas, desrespeitados, explorados, saqueados e colocados na caixa de *não-civilizados*. E essa classificação, nas palavras de Almeida, é

⁵ Abranet. Brasil é o 2º no mundo em tempo de tela: 9h32 por dia. 01 ago. 2023. Disponível em: <https://www.abranet.org.br/Noticias/Brasil-e-o-2%BA-no-mundo-em-tempo-de-tela%3A-9h32-por-dia-4453.html?UsrActiveTemplate=site>.

⁶ A pesquisa não leva em conta o tempo de tela de trabalhadores de aplicativos, como entregadores de comida ou motoristas, o que pode ter um impacto no tempo de tela e na média brasileira.

uma tecnologia do colonialismo europeu. Também é de suma importância compreender os números do colonialismo e do genocídio contra indígenas em quinhentos anos de existência. Só entre os séculos 16 e 17, estima-se que 90% da originária foi exterminada por vírus e bactérias, vindos com a chegada dos portugueses (BRUM, 2021, p.72).

Silvio Almeida traz trechos do trabalho de Cornelius de Pauw, etnólogo holandês, sobre os indígenas que viviam na América do Norte, que foram descritos como seres sem história, infelizes e degenerados. Tal definição, aponta Almeida, não difere da que foi feita por Hegel sobre africanos (ALMEIDA, 2019, p.28). Séculos mais tarde, é possível identificar falas igualmente preconceituosas, como a do ex-presidente brasileiro, Jair Bolsonaro: "Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós".⁷

Um dos pontos centrais da obra de Silvio Almeida é o fato do nosso país ter se formado sob este paradigma racista, e não apesar deste paradigma. Seguimos, mesmo hoje, operando a partir de um racismo multifacetado. A ideia de estrutura também cabe para nossa discussão, pois "as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos" (ALMEIDA, 2019, p.47).

Com a potência de ser o país referência no combate à crise climática, o Brasil, que possui a maior parte da Amazônia em seu território, segue a lógica dos interesses internacionais, vendendo, inclusive, partes de territórios importantes da floresta⁸, região fundamental para o equilíbrio ecológico do planeta.

No Brasil, estudos demonstram que as populações indígenas foram responsáveis por mais de 20% da preservação de florestas⁹. Em uma perspectiva global, estudos demonstram que territórios com populações indígenas "incluem cerca de 80% da biodiversidade florestal remanescente do mundo, e as terras que eles gerenciam liberam 73% menos carbono do que aquelas gerenciadas por outros grupos" (MACCHI, 2008, p.2).

⁷ G1. 'Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós', diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. G1, 24 jan. 2020, 06h55. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>.

⁸ Governo brasileiro "vende" 3 milhões de hectares da Amazônia por US\$ 60 milhões aos ambientalistas. Notícias Agrícolas, 03 jan. 2018, 09:53. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oy63x>.

⁹ Aragão, T. Estudo comprova que Povos Indígenas e Tradicionais são essenciais para a preservação das florestas. Instituto Socioambiental, 9 ago. 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/estudo-comprova-que-povos-indigenas-e-tradicionais-sao-essenciais-para>.

Quanto estamos perdendo em termos de conhecimento ao não trocar as lentes com que enxergamos o mundo? E se fosse possível sonhar com novos futuros, sair do automático e se reorganizar? Propomos, abaixo, uma conversa possível entre Rancière e Krenak.

Diálogos possíveis

Em *A Noite dos Proletários* (2012), Jacques Rancière faz o caminho oposto ao tratar da vida daqueles que estavam em uma posição marginalizada na sociedade. Em vez de dar foco à degradação, precarização e melancolia de terem seu tempo, e consequentemente suas vidas, reduzidas a trabalhar, o autor joga luz aos outros momentos da rotina desses trabalhadores: suas noites.

Consideramos aqui, essas noites de coletividade para estudar, beber, descansar, como um tipo de resistência, visto que isso eram estratégias para imaginar um outro mundo. Ele define o tema do livro como:

[...] a história das noites arrancadas à sucessão normal do trabalho e do descanso: interrupção perceptível, inofensiva, dir-se-á, do curso normal das coisas, onde se prepara, se sonha, se vive já o impossível, a suspensão da ancestral hierarquia que subordina aqueles que estão destinados a trabalhar com as mãos aos que receberam o privilégio do pensamento (RANCIÈRE, 2012, p.8).

Esta obra nos serve de exemplo aqui por algumas razões. A primeira delas, sendo a autodenominação destes operários, que mesmo em uma situação de muita precariedade, se organizam, sonham, planejam. A própria metodologia de Rancière é um exemplo a ser discutido e seguido. Nela, os sujeitos são pensados a partir de seus próprios discursos; Também temos interesse na proposta do pensar como ficção; e, por fim, na poética do conhecimento e operações dissensuais.

A poética do conhecimento é, para Rancière, uma possibilidade de romper com a dicotomia comum até hoje entre o saber intelectual e o saber do homem comum. Neste caso, essa quebra nos possibilita pensar nos saberes tradicionais indígenas, por exemplo, como saberes tão importantes quanto os produzidos por pesquisas da ONU, por exemplo, sem mais uma hierarquia.

No caso de Rancière, como propõe Angela Marques (2018), isso se dá a partir do entendimento do objeto da pesquisa ter uma voz tão importante quanto a voz do

pesquisador. Já no caso do que propomos aqui, é a possibilidade de pensar na busca por uma nova visão de mundo que acontece a partir do conhecimento dos indígenas e com os indígenas.

Defendemos também que devido ao racismo e estrutura colonial que continuamos vivendo, somos impedidos de ter acesso a outras visões de mundo porque, quando as mídias tratam de saberes indígenas, por exemplo, isto ainda ocorre a partir de uma imagem que os coloca como ingênuos ou utópicos, pois no realismo capitalista não existe outra forma de estar no mundo.

Ailton Krenak tem um vasto trabalho sobre futuros e sobre a ideia de fim do mundo. Porém, neste ensaio que tem como objetivo, também, apontar novos caminhos, não tomaremos mais tempo para tratar de todas as coisas ruins e do pessimismo em torno dessa ideia de fim inevitável. Trataremos, agora, do que o autor coloca em discussão como Futuro Ancestral.

Na obra citada, o autor desconstrói o imaginário do realismo capitalista, apesar de ele não usar deste conceito. Apresentando os rios, as árvores, os animais, as flores, toda a natureza no nosso entorno, como parte de nossa família - ou porque deveríamos considerá-la assim. Ele demonstra como até mesmo nossas visões de mundo estão afetadas: "A maioria das pessoas pensa que só se vive em terra firme e não imagina que tem uma parte da humanidade que encontra nas águas a completude da sua existência" (KRENAK, 2022, p.17).

Consoante a isso, ele nos convida um exercício de enxergar o mundo de outras formas: "[...] imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisemos entrar em conflito" (KRENAK, 2022, p. 32). Parece que, o que Krenak propõe, no fim das contas, é um movimento de descolonização de futuros, já roubados pela máquina do capitalismo.

Não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais. [...] Acontece que, nas narrativa de mundo onde só o humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças (KRENAK, 2022, p.37).

É preciso *reflorestar nosso imaginário*, o autor escreve, "assim, quem sabe, a gente consiga se aproximar de uma poética de urbanidade que devolva a potência da vida" (p.71). Trata-se, portanto, de um novo tipo de vida. Não é necessário mudar tudo,

mesmo nossas cidades poderiam ser pensadas para as pessoas - se as pessoas, também, pararem de serem vistas pelos seus próprios governos como consumidores, em vez de cidadãos.

Talvez uma das ideias mais potentes do autor seja a de *mundizar*. Em uma era que até mesmo as discussões identitárias tornaram-se espaços de conflitos em vez de alianças, Ailton Krenak apresenta uma nova possibilidade: as alianças afetivas que tem como base a existência de mundos não iguais. E "[...] pressupõe afeto entre mundos não iguais. Esse movimento não reclama por igualdade, ao contrário, reconhece uma intrínseca alteridade em cada pessoa [...]" (KRENAK, 2022, p.82). E assim poderemos mundizar, que é a possibilidade de experimentar outros mundos, com novas cosmovisões, resultando em pluriversos (p.83).

Outra autora indígena americana, Blanchard, propõe algo neste sentido, e sugere que adotemos um futurismo indígena:

"No entanto, também sabemos que há um futuro mesmo após o apocalipse ter chegado e passado. Em vez de conceber o tempo como uma marcha linear em direção à calamidade (ou, para os otimistas, em direção ao sonho da utopia), pode-se vê-lo como uma roda pela qual passamos repetidamente, da criação à destruição e à recriação." (BLANCHARD, 2023)

Em uma palestra que virou livro no Brasil, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) alerta para os perigos de uma história única. A autora descreve a maneira como os colonizadores, através do poder, criaram uma versão da história a partir de seu ponto de vista, e colonizados acostumaram-se com esta versão. O que propomos aqui, afinal, é o perigo de uma história única sobre futuro, igualmente contada a partir do ponto de vista daqueles que sempre detiveram o poder. É preciso criar, coletivamente, novas histórias.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Companhia das Letras, 2019.
- ARAÚJO, André. **Quando o familiar se tornou alienígena.** Espeluznante, 28 maio 2024. Disponível em: <https://espeluznante.substack.com/p/quando-o-familiar-se-tornou-alienigena>. Acesso em: 07 out. 2024.
- BAKHTIN, M. **Estudo das ideologias e filosofia da linguagem.** In: _____ Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.
- Berger J. and Milkman K. L., “**What Makes Online Content Viral?**,” Journal of Marketing Research, vol. 49, no. 2, pp. 192–205, Apr. 2012.
- BLANCHARD, B. L. **Histórias nativas americanas mostram que a reconstrução é possível — e necessária — após catástrofes.** Vox, 24 mar. 2023. Disponível em: <https://www.vox.com/the-highlight/23622395/medicine-wheel-indigenous-time-apocalypse-anishinaabe>. Acesso em: 07 out. 2024.
- BRUM, Eliane. **Banheiro òkòtò: uma viagem à Amazônia centro do mundo.** Companhia das Letras, 2021.
- CORRÊA, A. **Brasileiros prestam mais atenção em notícias negativas, mostra estudo.** BBC Brasil, Winston-Salem, EUA, 9 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49640933>. Acesso em: 07 out. 2024.
- DA SILVEIRA, Sérgio Amadeu et al. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal.** Autonomia Literária, p.13-33. 2022.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana.** Boitempo Editorial, 2023.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (R. Silveira, Trad.). Salvador, BA: EdUFBA, v. 24, 2008.
- FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?.** Autonomia literária, 2020.
- FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo.** Todavia, 2023.
- HOYDIS J, Bartosch R, Gurr JM. **Climate Change Literacy.** Cambridge University Press; 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismos e crise climática**: um estudo desde o Sul Global sobre os vínculos do jornalismo com a colonialidade. Florianópolis: Ed. Insular, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Transformando o nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/pt/agenda-2030/>. Acesso em: 07 out. 2024.

MACCHI, Mirjam et al. **Indigenous and traditional peoples and climate change**. International Union for the Conservation of Nature, Gland, Suíça, 2008.

MARQUES, Ângela C.S.; PRADO, Marco A. M. **Diálogos e dissidências**: Michel Foucault e Jacques Rancière. Curitiba: Appris editora, 2018.

Penteado, C. L. de C., & de Miranda Pinto, R. A. (2020). **O sujeito alienado em 3D**: Mídias sociais e a dominação econômica, política e cultural no capitalismo contemporâneo. *Compólitica*, 10(2), 85–108. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2020.10.2.298>

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. Lisboa: Antígona, 2012.

SACHS, J. D.; LAFORTUNE, G.; FULLER, G.; WOELM, F. **Sustainable Development Report 2023**: implementing the SDG stimulus. SDSN; Dublin University Press, 2023. Disponível em: <https://dashboards.sdgindex.org/>. Acesso em: 07 out. 2024.

Saleem, M., Hawkins, I., Wojcieszak, M. E., & Roden, J. (2021). **When and How Negative News Coverage Empowers Collective Action in Minorities**. *Communication Research*, 48(2), 291-316. <https://doi.org/10.1177/0093650219877094>.

SMITH, J. **Global trends in depression**: an increasing concern. *Psychology Today*, 2023. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/intl/articles/global-trends-in-depression-an-increasing-concern>. Acesso em: 07 out. 2024.

SOARES, A. A.; LOPES, T. B. **Sentir ansiedade climática é como “estar paralisado no meio da estrada”**. *Público*, Lisboa, 9 dez. 2023, 16:11. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/12/09/azul/noticia/sentir-ansiedade-climatica-estar-paralisado-meio-estrada-2072766>. Acesso em: 07 out. 2024.

UNITED NATIONS. **The Sustainable Development Goals Report 2023**. United Nations, 2023. Disponível em: <https://unstats.un.org/sdgs/report/2023/>. Acesso em: 15 set. 2024.